

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

99)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MARÇO 23, 1839



ARIOSTO.

RARISSIMOS são os poemas que adquiriram, para seus auctores, tantas honras em vida, e depois tão universal fama posthuma, como o *Orlando Furioso* do Ariosto. É esta uma daquellas reputações litterarias, que o lapso dos tempos não enfraquece, antes confirma. Dando aos nossos leitores o retrato do escriptor d'um livro tão estimado, cumpre-nos ajuntar-lhe algumas noticias sobre um e outro.

Luiz Ariosto nasceu em Reggio, juncto a Modena, a 8 de Setembro de 1474. Sua familia era nobre, e elle foi o mais velho de seus irmãos. Desde a tenra idade mostrou muita inclinação para a poesia; e sendo mandado estudar leis a Padua, seguiu o curso, por cinco annos, contra sua vontade, até que seu pae, convencido do desgosto que esta applicação lhe causava, o chamou a casa, e lhe permitiu seguir livremente a sua natural propensão. Por fallecimento do pae achou-se encarregado da tutoria de seus irmãos e irmaãs, e da administração do modico patrimonio, que lhes ficára; tarefa que desempenhou com affeição fraternal, e absoluta inteireza. No meio destes cuidados compoz algumas poesias lyricas em italiano e em latim, que lhe grangearam o conhecimento do cardeal Hyppolito d'Este, da casa dos duques de Ferrára, que o nomeou seu gentil-

homem, e, descobrindo que a sua capacidade não se limitava á poesia, o incumbiu de importantes commissões e negocios. Tendo o duque Affonso, irmão do cardeal, reunido a famosa liga de Cambray contra a republica veneziana, Hippolito d'Este, apesar do seu estado, tomou o commando das tropas de Ferrára; o Ariosto, acompanhando-o, assistiu a toda a campanha de 1509 nas margens inferiores do Pó; as atrocidades desta guerra, principalmente perpetradas pelos mercenarios esclavonios ao serviço de Veneza, com profundo sentimento as descreveu elle no começo do canto 36.º do seu immortal poema. Em Dezembro do mesmo anno, foi enviado pelo duque a Roma a requerer o auxilio de Julio 2.º contra os venezianos; mas o papa, que fôra o primeiro a promover a liga, tinha já mudado de tenção, e concebido ciume dos alliados francez e alemão. Todavia, neste intervallo, o cardeal desbaratou as tropas de Veneza, e destruiu-lhe a esquadilha no rio Pó; por este motivo cessou o objecto da missão do Ariosto. No anno seguinte, entrando o papa em liga declarada com a republica contra os seus antigos alliados, excommungou o duque Affonso por não seguir o seu exemplo, reunindo um exercito na Romania para invadir o territorio ferrarez; foi nova-



mente o poeta mandado a Roma para acalmar a indignação do pontífice; saiu porém mal da negociação, e teve de evadir-se a occultas, porque o papa o ameaçara de o mandar deitar ao Tibre, e era muito capaz de cumprir a palavra. A guerra continuou entre o duque de Ferrára e os francezes por um lado, e os venezianos, o papa e os suíços pelo outro, até que a morte de Julio 2.<sup>o</sup>, em 1513, livrou Alfonso do seu mais encarnizado inimigo. Foi o successor de Julio, na cadeira pontificia, João de Medicis, bem conhecido pelo nome de Leão X, o famigerado protector das artes e das letras: o Ariosto voltou então a Roma a congratular o novo papa, que era seu antigo conhecido, por tracto que tiveram, em Florença e Urbino. Leão o recebeu com singular benevolencia. Podia então fazer fortuna, aproveitando-se da amizade e munificencia do pontífice, se tivesse paciencia para esperar, e frequentar a côrte; porém mui breve se desgostou de Roma, e voltou para Ferrára a reassumir os seus estudos mimosos. Havia tempo bastante que tinha dado principio ao seu poema, em oitava rima, sobre as fabulosas aventuras dos cavalleiros e paladinos, mouros e christãos, da epocha de Carlos-Magno; thema inexaurível, em que se exercitavam as pennas de muitos escriptores de balladas e romances, da Italia, de França, e das Hespanhas.

Na Italia, Pulci, Boiardo, e Bello, tinham composto poemas sobre as guerras entre Carlos-Magno e os sarracenos, que a tradição confundiu com as antecedentes de Carlos Martel, e de Pepino, nas quaes Orlando, ou Roldão, figurava como um character notavel, e campeão da christandade. Deste fez o Boiardo o heroe do seu poema, apresentando-o namorado de Angelica, princeza infiel, de singular belleza, e excessivo galanteio, que viera da Asia com o intento de semear a discordia entre os cavalleiros christãos. Boiardo recheou a sua narrativa de innumeraveis episodios, e no meio della quebrou o fio da historia d'Angelica, no 50.<sup>o</sup> canto, sem o tornar a atar, e levou o seu poema, *Orlando innamorato*, até o 69.<sup>o</sup> canto, deixando-o incompleto por sua morte. O Ariosto tomou a historia d'Angelica onde o Boiardo a deixára; e fazendo a casquilha perdida d'amores por Medoro, mancebo obscuro, representa Roldão louco de indignação e ciúmes: continúa desta fórma a maior parte do seu poema, commettendo o heroe milhares de absurdos, até que recobra o uso da razão, por intervenção de Astolpho, que lhe traz da lua o sizo dentro de uma redoma. Orlando furioso é mais terrível e lastimoso, do que digno de zombaria; porque o poeta, ainda que, frequentes vezes, jucundo e faceto, nunca se esqueceu da dignidade da sua narrativa, nem caíu no infimo burlesco. A loucura de Orlando, não obstante haver dado o nome ao poema, não é o seu objecto principal: a guerra entre Carlos-Magno e os sarracenos continúa em a narração, fazendo a parte mais importante e consecutiva da acção, acabando com a expulsão dos mouros de França, e a morte immediata de seu rei Agramante, e de outros caudilhos. Com estes objectos intermeiou o poeta um terceiro, que alguns criticos, que ateimaram em procurar a unidade da acção em um poema que não é epico, querem que seja o principal; isto é, os amores de Rogerio, moço cavalleiro sarraceno, filho de paes christãos, com Bradamante, a amazona christã, irmã de Reinaldo. Estas duas personagens já o Boiardo tinha introduzido no seu *Innamorato*; o Ariosto seguiu a historia desta mutua inclinação; depois de varias aventuras, e lances aperfados, caza-os no ultimo canto, o 46.<sup>o</sup>, e da sua união deriva a genea-

logia da casa d'Este. Estas tres historias, ou acções, são entresachadas com extensos episodios de cavalleiros e donzellas, de seus combates e amores, e de suas extraordinarias aventuras, umas heroicas, outras jocosas, algumas patheticas: apparecem pelo variado contexto do poema os magicos, os gigantes, os palacios e jardins encantados, os cavallos aligeros, as harpias e outros monstros: o leitor se acha arrebatado ao meio de um mundo novo, creado como por toque da varinha de condão. O poeta tem o artificio de delinear e particularisar cada creatura da sua phantasia com feições e attributos, aparentemente tão proprios e concordes com a supposta natureza desses entes, que removem todo o sentimento da sua inverosimilhança. Parece profundamente embaído pela sua criação phantastica, e ás vezes se embrenha de tal arte no proprio labyrintho que se perde, como ingenuamente confessa, e vê-se obrigado a cortar a mais interessante historia, para acudir ás outras personagens, que abandonára n'uma ilha deserta, ou n'uma viagem perigosa, ou na vespera d'algum combate, afim de as pôr novamente em scena, e á vista dos leitores. Todavia consegue desembrulhar, a final, toda a complicada urdidura da sua imaginosa composição com admiravel arte e engenho. Não é cousa facil seguir sempre um tal guia: mas nós vamos correndo de conto em conto, de descripção em descripção, recreados sempre com o presente, e sem curar do ultimo objecto da jornada. Tal é o *Orlando furioso*, [segundo a curta idéa que em poucas palavras se pôde delle dar] o primeiro entre todos os romances e poemas de cavallarias. Para se entender perfeitamente este, é necessario ter lido antes o *Orlando innamorato* do Boiardo. Em ambos os poemas ha passagens licenciosas, pelo que não são conveniente leitura para gente moça.

Dez annos gastou o Ariosto em compôr o seu poema, e o publicou, pela primeira vez, em Ferrára, em 1516, só em 40 cantos; e pela segunda vez em 1521, no mesmo numero de cantos, mas com muitas correcções; finalmente, depois de muito limado e emendado, deu a terceira edição em 1532, acrescentado com seis cantos inteiros, que são os 33.<sup>o</sup>, 37.<sup>o</sup>, 39.<sup>o</sup>, 42.<sup>o</sup>, 44.<sup>o</sup>, e 45.<sup>o</sup>, além de varias estanças novas espalhadas pelos outros cantos. O Ariosto corrigia e emendava muito: oitavas ha que elle escreveu por vinte fórmas diversas antes de as inserir no texto, como se prova com seus manuscritos originaes. A facilidade apparente dos versos do Ariosto é filha de mui aturado trabalho. As edições, e as traducções, se multiplicaram depois rapidamente, e o *Orlando furioso* é lido sempre com deleite. Para remate desta noticia d'uma composição tão celebre, poremos aqui a opinião do escriptor da historia litteraria da Italia, Ginguené. — "Nenhum poeta moderno igualou o Ariosto no genero romancista, em que a imaginação tem de seguir uma carreira mui diversa da que pertence á epopea exclusivamente heroica. Nenhum entresachou com tanta destreza o grave com o jocosos, o ameno com o terrível, o sublime com o familiar, nenhum poz em campo tamanho numero de personagens e de acções diversas, concorrendo tudo ao mesmo fim: nenhum foi mais poeta no estylo, mais variado nos quadros, mais rico nas descripções, mais fiel na pintura dos caracteres e dos costumes, mais verdadeiro, mais espirituoso, mais vivo. Para lhe preferir, ou para lhe comparar outro poeta epico italiano, que lhe disputa ou parte com elle o primeiro lugar, é necessario estabelecer a superioridade do genero que escolheu o Tasso sobre o que o Ariosto preferiu. Em todos os sujeitos semelhantes em que pôde fazer-se a comparação, de raro



o Ariosto deixa de levar vantagem ao seu rival."—

Ariosto gozou da protecção do cardeal d'Este, e empregou-se no seu serviço, ainda que este fosse um fraco apreciador do seu talento poetico. Quando o cardeal se recolheu ao seu arcebispado na Hungria, o poeta, por causa da saúde mui debil, recusou acompanhá-lo: Hyppolito d'Este, irritado com esta deliberação, suspendeu-lhe a pensão modica que lhe dava; porém, ainda que isto pareça uma ingratidão para com o homem que o immortalisára, já a este tempo o cardeal tinha pago sua divida em certo modo obtendo-lhe rendas de beneficios ecclesiasticos que sempre desfructou; e, como pondera um escriptor, a não ser o cardeal Hyppolito d'Este, nunca o Ariosto teria proporções, e vagar, de levar a cabo, e imprimir, o seu poema. Depois da retirada do cardeal, seu irmão, o duque Affonso, tomou o poeta ao seu serviço, e o tractou benevola e munificentemente. Ariosto morreu em 1553, com 59 annos d'idade.

#### HISTORIA DO THEATRO MODERNO.

##### *Theatro hespanhol.*

### II

LOPE de Vega tinha o grandissimo e principal dote para primar na carreira que seguia: era este dote o conhecer profundamente o gosto e paixões do povo para quem escrevia: porém do que nunca elle deu mostras, foi do mais importante e nobre merito de estimar a arte, e cultivá-la com enthusiasmo. O *efeito*, segundo a vulgarissima accepção deste vocabulo, não era só o seu principal objecto, como cumpre seja para todo o verdadeiro escriptor dramatico — as miras todas po-las unicamente em bater neste alvo — e em verdade ninguem o alcançou como elle; deixando-nos assim o mais conspicuo exemplo, que apresenta a historia litteraria, de um sacrificio de alta e duradoura reputação a troco de illimitada, mas temporaria, popularidade. Na grande porção que nos resta das suas innumeraveis composições, o que mais admira é a inexaurivel invenção de incidentes, a variedade dos caracteres, o jogo das paixões, e o mimoso e subtil do dialogo; mas todas estas brilhantes circumstancias estão como que affogadas na espantosa exuberancia com que pullulam, em cada scena, em cada falla, e até em cada verso.

Cumprê, porém, que digamos que nem no seu paiz, nem fóra delle, teve Lope de Vega modelo que imitasse, ou rival que excitasse a sua emulação. A Italia não tinha ainda passado da *Mandragola* de Machiavello; nem a França saído das informes imitações dos antigos: em Portugal só havia os esboços dramaticos de Gil Vicente, os dramas-novellas de Jorge Ferreira, e as imitações classicas de Sá de Miranda e Ferreira; a Alemanha não tinha saído ainda dos *mysterios*; e a Inglaterra, onde já apparecêra o divino Shakspeare, era, excepto pelo lado politico, uma terra incognita para os escriptores hespanhoes.

Em 1621, dōze annos antes da morte de Lope de Vega, sobreveio a do triste e devoto Philippe 3.<sup>o</sup>, a quem succedeu um principe mancebo inclinado aos passatempos, e mui addicto ao theatro. Philippe 4.<sup>o</sup> gostava do tracto dos homens de letras, recebia-os na cōrte, e se divertia em compôr com elles essa especie de improvisos, que então andavam muito em voga na Italia: até se lhe attribuem algumas composições dramaticas que appareceram anonymas; e tal affeição tinha aos dramas nacionaes, que não consentiu que em Hespanha entrasse a ope-

ra italiana, que então era muito estimada em todas as cōrtes da Europa. Estas circumstancias augmentaram nova força ao impulso já dado por Lope de Vega, e trouxeram o mais brilhante periodo do drama hespanhol. Durante a vida de Lope, grande numero de escriptores seguiram as suas pisadas: taes foram os doutores Ramon, e Mira de Mescua; os licenciados Mexia, e Miguel Sanchez; o conego Tarrafa, Guillen de Castro, Aguilar, Luiz Velez de Guevara, Antonio de Galarza, Gaspar d'Avila, Damian Salustrio del Poyo, e varios outros: — mas todos eram meros imitadores de Lope da Vega, e muito inferiores a elle: — no fim deste dramatico reinado é que devia apparecer um rival, que lhe disputasse a primazia.

Foi este Calderon de la Barca, que, não menos conhecedor do genio e gosto do vulgo, do que o proprio Lope, unia a isso o amor pela sua arte, que ao outro faltava. Como as composições deste grande escriptor teem a primazia entre os dramas hespanhoes, verdadeiramente nacionaes; — como ellas em nada são inferiores ás de Lope, em variedade, e o seu numero mais que o das de nenhum outro, se aproxima do numero das delle; — e como, por consequencia, nos dão os mais perfeitos monumentos de cada uma das differentes especies de produções dramaticas peculiarmente hespanholas — não ha meio nenhum de dar uma idéa clara das fórmãs e genio do theatro hespanhol na epocha do seu maior esplendor, senão caracterisando breve, mas distinctamente, as varias classes das peças de Calderon. A mais corrente classificação dos dramas profanos, é para os mesmos hespanhoes, a de *comedias heroicas*, *comedias de capa y espada*, e *comedias de figuron*. As da primeira destas classes tinham o mesmo logar na litteratura dramatica, que nas ficções narrativas tiveram as novellas de cavallaria: expulsas da prosa pelo Quixote, acolheram-se ao theatro, onde por muito tempo foram bem acceitas do publico. As da segunda classe, cujo nome vinha do vestuario que se usava na epocha em que foram escriptas, representavam os costumes hespanhoes desse mesmo tempo; mas, em consequencia do grande sabor de novella que esses costumes ainda conservavam, tinham um aspecto, que a homens modernos e de outras nações parece ideal. Isto [observa Schlegel] não fóra possivel, se Calderon nos introduzisse no interior da vida domestica... Estas peças acabam, como as comedias dos antigos, por cazamentos; mas quão differente é tudo o que precede a este desfeito!... traça, na verdade, os seus principaes caracteres de ambos os sexos no primeiro fervor da mocidade; mas o alvo a que elles tiram, e diante do qual tudo abate as bandeiras, nunca em seus animos se confunde com outro qualquer desejo. A honra, o amor, e o ciume, são sempre os motivos da peça, e o enredo nasce da impetuosa, mas nobre, lucta destas paixões... Nos caracteres mulheris o sentimento da honra não é menos poderoso do que nos dos homens: este sentimento rege o do amor, que tem logar a par delle, porém não acima delle. A honra das mulheres, segundo o modo de pensar que transluz nos dramas de Calderon, consiste em amar um homem de reputação sem macula, e em ama-lo com perfeita pureza. O amor requer ahi inviolavel segredo, até que uma legitima união permita declara-lo publicamente: este segredo o salva dos effeitos da vaidade, que poderia misturar nelle gabos de favores concedidos, ou de pretensões a elles, e lhe dá a apparencia de um voto, que, por isso que é mysterioso, é mais pontualmente observado. No meio desta moralidade dramatica, são, em verdade, admittidas manhas e



dissimulações, para fins amorosos; e a ponto de parecer que recebe quebra a honra: mas, quando essas manhas vão de encontro a outros deveres — como, por exemplo, os da amizade — o respeito mais pundonoroso é constantemente guardado a esses deveres. O poder do ciúme, sempre vivo, e revelado ás vezes de terrível maneira; ciúme, não, como o dos povos do Oriente, de posse, ou de gozos materiaes, mas dos sentimentos suavissimos do coração, serve para ennobrecer o amor. A perplexidade, que nasce destes differentes motivos moraes, acaba muitas vezes em nada, e então o despeito é grandemente comico: ás vezes, porém, a catastrophe é tragica, e a honra se converte em uma especie de destino avesso, para aquelle que com ella não pôde cumprir, sem anniquilar a propria felicidade, ou tornar-se para sempre criminoso. Grande numero destas peças não tem senão um papel burlesco, o do criado ou gracioso, que serve principalmente para parodiar os motivos sublimes das acções de seus amos, o que, por via de regra, faz com muita graça, servindo raras vezes para instrumento do enredo [\*].

As comedias de *figuron*, ou de *character*, distinguem-se da classe de que tractámos no antecedente paragrapho, em o interesse da acção não ser dividido pelas personagens de um enredo variadissimo, mas concentrado em um individuo, no qual é personalisado caracteristicamente algum vicio ou absurdo.

Alguns dos dramas de Calderon, historicos ou mythologicos, não podem estrictamente ser classificados em nenhuma das tres especies antecedentes. Com a maior verdade aproveitou elle algumas epochas da antiga historia hespanhola; mas parece ter tido tamanho aferro ao genio da sua nação, que não pôde produzir facilmente o character das outras. A antiguidade classica era inintelligivel para elle, e por isso, o já citado Schlegel observa que a mythologia grega se converte, nas suas mãos, em uma delectosa novella, e a historia romana em uma hiperbole magestosa. Outra classe de peças tem Calderon a que elle chama *fiestas*: eram estas destinadas para serem representadas na cõrte em occasiões solemnes. Posto que taes peças requeressem pompa theatral, frequentes mudanças de scenario, e até musica, todavia podemos chamar-lhe *operas poeticas*, isto é, dramas, que, pelo mero esplendor da poesia, produzem o mesmo effeito que na opera moderna produzem as vistas, a musica, e a dança. Foi nestas composições que Calderon se entregou inteiramente aos vôos da sua imaginação, podendo dizer-se que nellas as personagens apenas pertencem a este mundo.

Mas é na classe dos *autos sacramentales*, ou dramas religiosos, que o genio e o espirito de Calderon se desinvolveram com mais força e formosura. As ceremonias religiosas dos gregos tinham gerado o theatro grego: as ceremonias do christianismo deram origem ao theatro moderno. O principio fundamental dos espectaculos dramaticos, introduzido ou sancionado pelo clero, consistia em apresentar ante os olhos dos fieis, em todas as festividades ecclesiasticas, e dias de commemoração de certos sanctos, a repre-

sentação ao vivo da passagem do Testamento Novo, ou do Catalogo dos Sanctos, que tinha connexão com essa festividade. Estas representações, que no resto da Europa se denominavam mysterios, chamaram-se em Hespanha, desde o principio, *divinas comedias* e *autos sacramentales*. Faziam-se com grande pompa, não só nas praças, e nas procissões, mas tambem nos theatros publicos. Taes dramas, representados em dias solemnes, debaixo da protecção das auctoridades civis e ecclesiasticas, e em presença de todo o povo, não só davam ao auctor mais proveito, mas tambem, mór gloria. Lope de Vega escreveu alguns centenaes destas peças; mas Calderon tanta vantagem levou aos seus predecessores e contemporaneos, nisto, como no mais, que lhe foi concedido um privilegio exclusivo de compôr os autos que se haviam de representar na capital; monopólio de que gozou durante 37 annos.

Temos sido talvez mais technicos e extensos do que cumpria sobre o espirito e execução dos dramas hespanhoses dos fins do seculo 16.<sup>o</sup> e principios do 17.<sup>o</sup>, porque as regras dos rhetoricos e pedantes, regras que se desfazem em pó diante d'um *porque?*, persuadem o vulgo da republica das letras de que qualquer drama, a não ser grego, ou romano, ou não trazendo, pelo menos, pês, casaca de seda, e espadim, á moda de Luiz 14, é forçosamente barbaro, rude, ou absurdo. Este pensar acanhado, em quanto se não derrocar de todo, torna impossivel uma verdadeira regeneração dramatica: os portuguezes devem ser em litteratura uma só nação com os hespanhoses: se quizermos ter originalidade, nacionalidade, e o que mais é, verdade, estudemos Lope, Calderon, e os seus contemporaneos; não nos envergonhemos de folhear livros por onde constantemente estudam os mais illustres escriptores dramaticos da Alemanha, e da Inglaterra, apesar de não poderem tirar delles todo o proveito, que nós, por certo, tiraremos. Mas voltemos ao nosso assumpto.

É digno de notar-se, que, durante o mais bello periodo do theatro hespanhol, o conselho de Castella se atrevesse a propôr como uma condição para se abrirem os theatros, que tinham estado fechados, por causa de varios luctos da cõrte, desde 1644 até 1649, que os dramas que se houvessem de representar se limitassem a objectos edificativos, sem mistura das profanidades do amor; e que, por consequencia, todos aquelles que até então se tinham representado fossem prohibidos, nomeadamente os de Lope de Vega, que tão prejudiciaes tinham sido á saã moral. Felizmente o bom gosto do monarcha, concorde com o do publico, fez com que fosse rejeitada a proposta dos seus austeros conselheiros.

Durante a longa carreira de Calderon, appareceu Moreto, que dotado de menos força inventiva, e menos fervor d'imaginação, se distinguiu principalmente por aperfeiçoar melhor as comedias de *figuron* ou de *character*. Taes são, por exemplo, os seus dramas *O lindo D. Diogo*, e *O Marquez de Cigarral*, especie de *D. Quixote*, endoudecido á força de lêr e relêr, sem descanso, os pergaminhos da sua casa, e os costados da sua arvore genealogica. Por este lado, pôde-se crer que Moreto foi um dos modelos de Moliere, entre cujas peças, com effeito, se encontra uma fraca imitação do Marquez de Cigarral. Nesta mesma epocha viveu outro poeta dramatico, cuja fama, em quanto vivo, não egualou a celebridade de que goza depois de morto, e que, por um acaso extraordinario, foi desconhecido aos mais eminentes criticos; como Signorelli, Sismondi, e Schlegel: era este um frade da Trindade, chamado Fr. Gabriel Telles, que, com o supposto nome de Tirso de Molina, poz em sce-

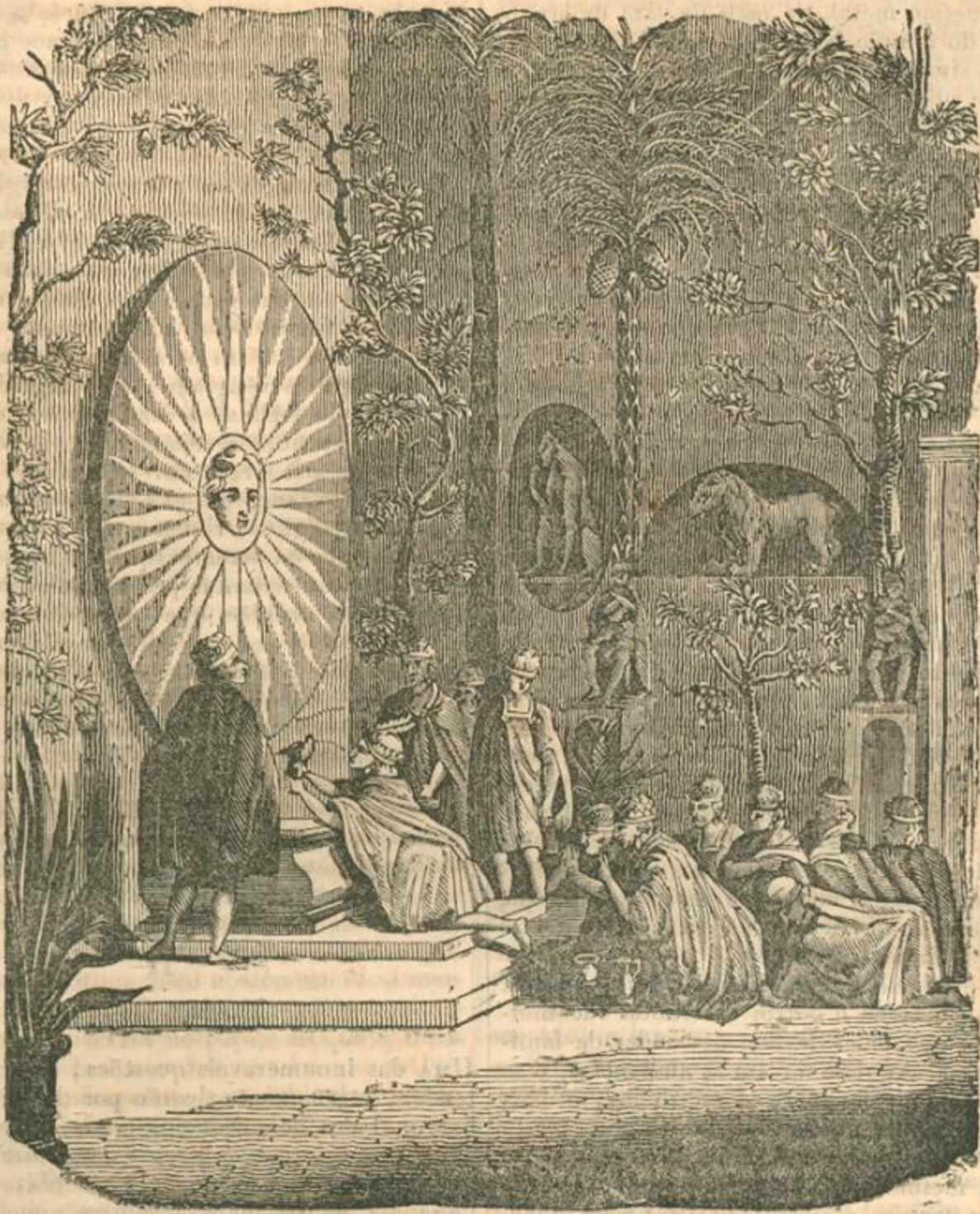
(\*) Como hoje tanta gente faz criticas dramaticas — as mais difficéis de todas — bom será que reparem nesta observação de Schlegel acerca do gracioso, personagem especial do drama peninsular. E ainda o grande critico alemão não apontou o motivo principal deste elemento dramatico: o gracioso faz com que o drama seja, em verdade, a representação da vida, onde sempre o terrível e o lepido se cruzam e misturam inextricavelmente. Não ser o gracioso elemento necessario do enredo tem por motivo a natureza desse papel: o burlesco pôde deixar de ser necessidade da acção; mas nunca de ser essencial á forma da acção: no quadro dramatico, o gracioso não é *desenho*; é *cor*; é a sombra do claro do bello e sublime. A tragedia classica, a tragedia de Racine morreu; porque não havia ali o contraste: a comedia de Moliere vive, e viverá para sempre, porque nella as lagrymas tohem ás vezes o riso: na comedia antiga apparecia o drama; na tragedia apenas havia poesia.



na um grande numero de dramas, que depois foram colligidos e publicados por um sobrinho seu. Menos engenhoso do que Calderon, e menos delicado, excede, todavia, os outros poetas do seu paiz em certa agudeza maledica. Pouco lhe importam as regras, ou a verosimelhança, com tanto que lhe venham a pelo gracejos pungentes e maliciosos, usando de uma linguagem, ás vezes licenciosa, e de pensamentos, que mostram tão pouco respeito ás potencias da terra, como ás do ceu. Nada poupa, uma vez que esse objecto lhe desagrade, ou possa mover a riso. Ha só um escriptor a que elle deva com exacção ser comparado, e com quem, com effeito, tem muitissima parecência: é este o moderno dramaturgo francez Beau-

marchais. E assim como este auctor foi o verdadeiro pae de Figaro, do mesmo modo [facto certamente curioso] Fr. Gabriel foi o primeiro que poz em scena a famosa historia de D. João e a Estatua (*El combidado de Piedra*) aproveitando-se da lenda inventada, segundo dizem, pelos franciscanos de Sevilha para explicarem o desaparecimento do verdadeiro D. João Tenorio, que, conforme tambem alguns querem, fôra por elles assassinado em vingança dos muitos vexames que lhes fazia.

No proximo artigo mencionaremos mais alguns dramaturgos hespanhoes desta epocha, e concluiremos a historia do theatro hespanhol com a noticia dos escriptores mais modernos.



TEMPLO DO SOL EM CUSCO.

A MAIS evidente prova da civilização do Mexico e do Perú, que os hespanhoes assolaram, acha-se na pompa do culto religioso, e na magnificencia dos templos. Em Cusco, cidade dos incas, que regiam o Perú, estava o soberbo templo do sol, de cuja disposição interna se vê uma amostra na gravura acima. De Garcilasso de la Vega, auctor hespanhol, e natural das Indias, extrahiremos principalmente uma breve noticia daquelle edificio.

Como as bellezas deste templo [diz o historiador]

sobrepujam a humana crença, eu não ousaria referi-las, se os escriptores hespanhoes, que escreveram sobre o Perú, não concordassem comigo; mas nem o que elles disseram, nem o que eu poderei accrescentar, é bastante para dar cabal idéa da riqueza deste monumento religioso. As quatro paredes, d'alto a baixo, eram todas revestidas de laminas de ouro. No altar-mór, via-se a figura do sol feita tambem d'uma lamina d'ouro, duas vezes mais grossa que as outras; era inteiriça, da fôrma d'um rosto redondo



radiante de flammæ. Era este o unico idolo, porque os indios não tinham outros, nem aqui, nem em outros templos, porque não adoravam senão o sol, digam embora o contrario alguns auctores. Quando os hespanhoes entraram em Cusco, coube no despojo a imagem do sol a um fidalgo castelhano: como este cavalheiro tinha grande paixão pelo jogo, e as gigantes dimensões daquella figura o incommodavam, a jogou e perdeu n'uma noite, o que deu origem a um dictado no paiz: *jogar o sol antes de nascer*. De ambos os lados do idolo estavam collocados, pela ordem d'antiguidade, os corpos dos monarchas do Perú, tão bem embalsamados, sem se saber o como, que pareciam vivos, assentados em throno d'ouro. Todas as portas do templo eram recamadas de chapas tambem de ouro: e por cima das paredes corria uma grinalda do mesmo metal, de mais de vara de largo.

À ilharga do templo havia um claustro guarnecido com outra semelhante grinalda, que os hespanhoes arrancaram e substituíram com uma de lata. À roda do claustro estavam cinco pavilhões de fórma pyramidal. O primeiro era destinado á lua, irmã e mulher do sol, e mãe da familia dos incas. As portas e paredes deste eram forradas de laminas de prata, e a figura da lua do mesmo metal, com semblante de mulher. O camarim immediato pertencia á estrella d'alva, ás pleiadas, e a todas as mais estrellas em geral, que os perúvianos diziam que eram as servas da lua. O ornato deste quarto egualava o do primeiro, com a differença de ter um tecto figurando o ceu salpicado d'estrellas de varias grandezas. Proximo ficava o terceiro camarim consagrado ao relampago, ao trovão, e ao raio; tres objectos, não venerados como nubes, mas como servos do sol; e nisto concordava a crença do Perú com o paganismo grego e romano, que reputava ser o raio o instrumento da justiça de Jupiter. Se acontecia ser fulminada uma casa, ou qualquer local, os perúvianos a tomavam em tanta abominação, que tapavam logo a entrada com pedra e barro, para que nenhuma pessoa lá voltasse: e se o raio caía em campo descuberto, punham marcos no sitio, para que ninguem ali pozesse pé.

O quarto pavilhão era dedicado ao arco-iris, porque procedia do sol. Toda a camara resplandecia com ouro, e de parede a parede estava lançado um arco-iris, representado com todas as suas brilhantes côres. Quando este arco apparecia nos ares, os perúvianos usavam tapar a boca com as mãos, porque pensavam que se a abrissem nesta occasião os dentes lhes ficariam pôdres e estragados.

O quinto e ultimo daquelles camarins pertencia ao summo sacrificador e outros sacerdotes incumbidos do culto, e que todos deviam descender da familia real dos incas. Aqui se davam as audiencias, e se tomavam as deliberações sobre os sacrificios, e mais objectos concernentes ao serviço do templo. Neste recinto era vedado comer e dormir. Em seus ornatos reinava a mesma profusão e riqueza que nos demais, e pelas paredes estavam abertos nichos guarnecidos de fina pedraria, especialmente de esmeraldas e turquezas.

Havia muita casaria, além destas, para os ministros do culto e seus criados, que eram da classe dos incas, e denominados "os privilegiados", porque nenhum indio, por poderoso que fosse, tinha entrada no recinto sagrado, não sendo oriundo daquella raça. Tambem as mulheres não eram admittidas, nem ao menos as filhas e esposas do soberano. Os sacerdotes faziam o serviço ás semanas, que usavam contar pelas phases ou quartos da lua: durante este serviço, não fallavam a suas mulheres, nem saíam do templo.

Os indios que serviam alli de porteiros, varredores, cosinheiros, guarda-roupas, guarda-joias &c., eram da mesma nação e das mesmas cidades donde saíam os criados da casa do rei; porque havia cidades obrigadas a darem os officiaes e empregados para estes dois serviços. É de notar que entre a casa do sol e a casa do inca não havia differença, á excepção de que as mulheres não entravam no templo, e que no palacio não se faziam sacrificios: tudo o mais era egual nas duas residencias, em grandeza e magestade.

Além de tantas maravilhas nos ornamentos do templo, existia uma, que custaria a crer, se não fosse testificada por um grande numero d'historiadores hespanhoes: fallâmos das arvores lavradas, com fructos e flôres d'ouro, prata e outras materias preciosas, obras estas primorosas de arte e delicadeza, e que suppõem nos artistas perúvianos grande industria e artificio, sobretudo comparando-se a difficuldade de semelhantes trabalhos com a simplicidade, por não dizer-mos grosseria, das ferramentas de que usavam.

Entre os templos mais famosos, erigidos ao sol no Perú, e quasi comparaveis ao de Cusco, contava-se pelo mais celebre o edificado na ilha *Titicaca*: logar que era objecto de particular veneração daquelles povos, porque os seus padres lhes diziam que os primitivos incas, filhos do sol, alli pararam, quando o nune os mandou á terra para ensinarem aos povos barbaros os deveres religiosos, e os segredos das artes. Neste templo fazia-se o serviço como em Cusco, e recebiam-se innumeraveis offertas em moveis e utensilios de metaes preciosos. O padre Valera refere, que os indios lançaram ás aguas que rodeiam a ilha todas as prodigiosas riquezas alli accumuladas, logo que souberam do desembarque dos hespanhoes, e que estes roubavam quantas preciosidades achavam.

Era tal a opinião que os perúvianos concebiam da ilha de *Titicaca* que [diz Garcilasso de la Vega] quando algum podia obter um só grão de milho, ou de outra semente alimenticia, creada na ilha, o punha no seu celleiro, e cria firmemente que em toda a sua vida lhe não faltaria pão.

#### A ABOBADA.

*Chronica Monastica.*

[1401]

II

MESTRE OUGUET.

UMA das innumeraveis questões, que, em nosso entender, eternamente ficarão por decidir, é a de saber qual dos dois dictados — *voz de povo é voz de Deus* — ou — *voz do povo é voz do diabo* — seja o que exprima uma verdade. É indubitavel que o povo sabe as cousas mais reconditas como por milagre: — tem acontecido perder-se um navio no alto mar, e nesse mesmo dia espalhar-se no porto, donde elle partira, que tal embarcação se perdeu em tal altura, e assim vem depois a verificar-se. Dão-se batalhas: muitas vezes a cem ou duzentas leguas, no mesmo dia, á mesma hora, corre entre o povo que tal batalha se perdeu ou ganhou. Quem dá estas noticias? — Quem as trouxe? Como se derramaram? — Mystério é esse, que ainda ninguem soube explicar. Foi um anjo? — Foi um demonio? — Foi algum bruxo? Mystério. — Não ha, nem haverá, talvez, nunca, philosopho que o explique; salvo se nisto anda alguma diabrura de magnetismo animal. Este meio inin-



telligível de dar solução a tudo o que se não entende, é acaso a única via de resolver a duvida. Se o é, ahí damos mais um osso a roer aos physicos do magnetismo.

Foi o caso: quando a cavalgada, de que fizemos menção no fim do antecedente capitulo, vinha desceendo a encosta, que ficava sobranceira á planície do mosteiro, entre o povo, que estava dentro da igreja, impaciente já pela demora do auto, se começou a espalhar um sussurro, que cada vez crescia mais: o motivo d'elle não era facil sabe-lo: nenhuma novidade occorrera; ninguém tinha entrado ou saído. De repente toda aquella multidão se agitou, remoinhou pela igreja, e principiou a escoar-se pelo portal fóra, como em um funil o liquido deitado de alto. — Tinham sabido que elrei chegava, e todos queriam ve-lo descavalgar, porque D. João 1.<sup>o</sup>, plebeu por herança materna, nobre por ser filho de D. Pedro 1.<sup>o</sup>; rei eleito por uma revolução, e confirmado por cincoenta victorias, era o mais popular, mais amado, e mais acatado de todos os reis da Europa. Vinha elrei montado em uma possante mula, e assim mesmo em outras os fidalgos e cavalleiros de sua casa: trazia vestida sobre a cota uma jornea de velludo cramesim, monteira preta, e nebrí em punho, em maneira de caçada. Chegando á porta do mosteiro, onde o esperava já Fr. Lourenço com parte da communitade, apeou-se de um salto, e com rosto risonho, e a mão no barrete, agradeceu sua cortesia e amor aos populares, que gritavam apinhados a roda d'elle: “viva D. João de Portugal: morram os castelhanos!” grito absurdo; mas semelhante aos vivas de todos os tempos; porque o povo, bem como o tigre, mistura sempre com o rugido de amor o bramido que revela a sua indole sanguinaria.

Por baixo daquellas soberbas arcadas desapareceu brevemente elrei da vista da multidão, que tornou a sumir-se no templo, para ver o auto, que não podia tardar.

“Mui receoso estava que vossa real senhoria nos não honrasse nosso auto; porque o sol não tarda a sumir-se no poente: — isto dizia Fr. Lourenço a elrei, a cujo lado ia para o guiar ao seu aposento.

“Bofé, mui devoto padre prior, que por pouco estive a ponto de ter que levar a vossos pés mais uma mentira com os outros peccados, que me não fallecem, se ámanhan me quizesse confessar ao meu antigo confessor:” lhe tornou elrei sorrindo-se.

“E certo estou de que entre todos os peccados de que terieis de vos accusar, este não fóra o menos grave, e de que eu muito a custo absolveria vossa mercê:” retrucou o prior, que tinha aprendido mais depressa as manhas cortesans no paço, do que a theologia no noviciado da sua ordem.

“Mas para onde me guiaes, reverendissimo prior: disse elrei parando antes de subir uma escada, para a qual Fr. Lourenço o encaminhava.

“Ao vosso aposento, real senhor; por que tomeis alguma refeição, e repouseis um pouco do trabalho do caminho.”

“Não foi grande o feito, para tomar repouso: — acudia elrei: — que de Santarem aqui é uma corrida de cavallo; muito mais para quem em vez de cota de malha, arnez, e bragaes, traz vestidos de seda. Despi-los-hei bem depressa, já que elrei de Castella quer jogar mais lançadas, e não vieram a conclusão de treguas o mestre de Sanctiago com o condestavel. Mas vamos, meu doutissimo padre; mostrae-me a casa do capitulo, a que mestre Ouguet acabou de pôr seu feixo e remate. Onde está elle? Quero agradecer-lhe a boa diligencia.”

“Beijo-vos as mãos pela mercê; — disse mestre

Ouguet, que sabendo da chegada de elrei, e certo de que elle desejaría ver aquella grande obra, tinha corrido ao mosteiro, e estava entre os da comitiva: — “Se quereis ver a casa do capitulo, vamos para a banda da crasta.” Dizendo isto, sem cerimonia tomou a dianteira, e encaminhou-se ao longo de um dos cubertos do claustro.

David Ouguet era um irlandez, homem mediano em quasi tudo; em idade, em estatura, em capacidade, e em gordura, salvo na barriga, cujos tegumentos tinham soffrido grande distensão, em consequencia de repetidas repleções, que o estomago do mestre soffrera, de cerveja em Inglaterra, e de vinho em Portugal — paiz de Cocanha, ou antes paraizo terreal, para as goellas ou Maeststroms [1] ambulantes dos inglezes. Era David Ouguet um destes homens chamados vulgarmente *de caixa*, isto é mui positivo, prudente, e manhoso em procurar o proprio interesse, promptissimo em pagar aos seus credores, ou, por outra, homem honrado — nome que muita gente applica aos bons pagadores, embora elles nos demais actos da sua vida publica ou particular sejam uns solemníssimos tratantes. Tinha vindo a Portugal como homem d’armas do duque de Lancastre, e casára, em Vianna do Minho, honradamente; isto é, com uma viuva tão feia como rica, e que elle aborrecia com todas as véras d’alma. Cansado de soffrer a amabilissima consorte, veio para a corte, despender os gentis, graves, e pilartes, que ella lhe entregara, com a posse do seu coração. Gastou tudo até a ultima mealha; mas tractando sempre com cavalleiros, e nobres, sollicitou, e veio a cabo de alcançar a protecção da rainha D. Philippa, que [havendo cegado Affonso Dominguez] o fez nomear mestre das obras do mosteiro da Batalha, mostrando elle por documentos authenticos ter na sua mocidade subido ao grau de mestre, na sociedade secreta dos obreiros edificadores.

Esta é em resumo a historia de mestre David Ouguet, tirada de uma velha chronica, que, em tempos antigos, esteve em Alcobaça enquadernada em um volume junctamente com os traslados authenticos das cortes de Lamego, do juramento de D. Affonso Henriques sobre a apparigão de Christo, da Carta de feudo a Claraval, das Historias de Laimundo e Beroso, e mais alguns papeis de egual veracidade e importancia.

O lango da crasta, fronteiro ao cuberto por onde ia elrei, estava ainda por acabar: apenas D. João 1.<sup>o</sup> entrou naquelle magnifico recinto, olhou para lá, e voltando-se depois para mestre Ouguet:

“Parece-me — lhe disse — que não vão tão apri-morados os labores daquellas arcarias como os destas. — Que me dizeis mestre Ouguet?”

“Seguiu-se á risca nesta parte — tornou o architecto — o desenho geral do edificio, feito por mestre Affonso Dominguez; porque seria grave erro destruir a harmonia desta peça; mas se vossa mercê m’o permite, antes de entrardes no capitulo, tenho alguma cousa que vos dizer acerca do que ides ver.”

“Fallae desassombradamente: — respondeu elrei — que eu vos escuto.”

“Tomei a ousadia — próseguiu mestre Ouguet — de seguir outra traça no fechar da immensa abobada que cobre o capitulo: o que achei no desenho geral contrastava as regras da arte, que aprendi com os melhores mestres de pedraria: era até impossivel que se fizesse uma abobada tão achatada, como na primitiva traça se delineou: eu, pelo menos, assim o julgo.”

“E consultastes o architecto Affonso Dominguez,

[1] Sorvedouro celebre na costa da Noruega.



antes de fazer essa mudança no que elle havia trazido?" — interrompeu elrei.

"Por escusado o tive: — replicou David Ouguet. "Cego, e por isso incapaz de levar a cabo a edificação, teimaria que o seu desenho se póde executar, visto que hoje ninguém o obriga a prova-lo por obras. — É homem muito orgulhoso de sua sciencia; e na verdade tem engenho. — Mas que é o engenho sem as regras dos bons mestres? — Nada: porque com os preceitos se faz tudo, ainda sem talento; mas engenho sem regras não produz senão monstros."

"Mestre Ouguet — acudiu elrei com aspecto severo — lembrai-vos de que Affonso Domingues é o maior architecto portuguez: não entendo de vossas distincções de arte e de engenho: sei só que o desenho de Sancta Maria da Victoria causa assombro a vossos proprios naturaes, que se gabam de ter no seu paiz os mais affamados edificios do mundo: — e esse mestre Affonso, de quem vós fallais com pouco respeito, foi o primeiro architecto imaginador da obra que a vosso cargo está hoje."

"Vossa mercê me perdoe: — tornou mestre Ouguet, adocicando o tom orgulhoso com que fallára: longe de mim menoscabar mestre Domingues; ninguém o venera mais do que eu: mas queria dar a razão do que fiz, seguindo as regras do mui excellente mestre Vilhelmo de Wykeham, a quem devo o pouco que sei, e cuja obra da cathedral de Vinchestria tamanho brado tem dado pelo mundo."

Com este dialogo chegou aquella comitiva ao portal, que dava para a casa do capitulo: Fr. Lourenço Lamprea, como dono da casa, correu o ferrolho com certo ar de auctoridade, e encostado ao umbral cortejou a elrei no momento de entrar, e aos mais fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Mestre Ouguet, como pessoa tambem principalissima naquella logar, se collocou juncto do umbral fronteiro, repetindo, com aspecto sobranceiro-risonho, as mesuras do mui devoto padre prior.

Quando elrei entrou dentro daquella espantosa casa, apenas, atravez da grande janella que a allumia, entrava uma luz froxa, porque o sol estava no fim de sua carreira: o tecto profundo mal se divisava, sem se affirmar muito a vista: mestre Ouguet ficára á porta; mas Fr. Lourenço tinha entrado.

"Reverendo prior — disse elrei voltando-se para Fr. Lourenço — vim tarde para gosar desta maravilhosa vista: vamos ao auto da adoração, e ámanhã voltaremos aqui a horas de sol."

E seguiu para a banda da sacristia, cuja porta lhe foi abrir o prior.

Mestre Ouguet entrou na casa do capitulo, quando já os ultimos cavalleiros do sequito real iam saindo pelo lado opposto, caminho da igreja: com as mãos metidas no cincto de couro preto que trazia, e a passo mesurado, o architecto caminhou até o meio daquella desconforme quadra. O som das passadas dos cavalleiros se tinha sumido; e mestre Ouguet dizia consigo, olhando para a porta por onde elles haviam saído:

"Pobres ignorantes! — que seria o vosso Portugal sem estrangeiros, senão um paiz sáfaro e inculto? — Sois vós, homens batalhadores, capazes dos primores das artes, ou sequer de entende-los? — Algum dia virá em que reconheçais que o mais ridiculo charlatão, uma vez que venha de fóra, vale mais do que vós todos, sommados dez vezes: então será possível que vos reformeis. — Lá vão, lá vão os frades celebrar um auto? Não serei eu que assista a elle; eu que vi os mysterios de Coventria e de Widkirk! Miseraveis selvagens, antes de tentardes representar mysterios fóra melhor que mandasseis vir alguns ir-

mãos da sociedade dos escrivães de parochia de Londres, [2] que vos ensinassem os verdadeiros momos ademanes e tregeitos usados em semelhantes autos."

Mestre Ouguet estava embebido neste mudo soliloquio, em louvor da nação que lhe dava de comer, quando erguendo casualmente os olhos para a macissa abobada, que sobre elle se arqueava, fez um gesto de indizível horror, e como doudo correu a bom correr pela crasta solitaria, apertando a cabeça entre as mãos, e gritando a espaços:

"Oh, malaventurado de mim!"

[Continuar-se-ha].

#### O MILAGRE DE S. GENARO.

O PRINCIPAL objecto de devoção popular em Napoles é a liquefacção do sangue de S. Januario, padroeiro da cidade. Este milagre acontece duas vezes por anno, nos mezes de Maio e Setembro. Sabendo-se a occasião, e até a propria hora, em que o milagre acontece, ajuncta-se uma innumeravel multidão de povo de roda da capella do sancto, ou na praça onde se faz a procissão. Ahi começam a invocar o sancto com exclamações confusas, e gestos extravagantes, batendo nos peitos, e gritando-lhe com destemperada vozeria, que faça o milagre: se não se faz immediatamente, repetem as suas exclamações com infernal algazarra de impaciencia e colera, gritando de todos os lados: *S. Genaro, fá dunque presto: isto é: avia-te, S. Januario.* Se, depois disso, ainda o milagre se demora; e entre a multidão se acha algum estrangeiro; cujo aspecto desagrade ao vulgacho, ha a apostar dez contra um que o tomarão por hereje, cuja presença impede a operação do milagre: neste caso, póde elle contar com ser feito em pedaços, ainda que, em verdade, seja um excelente catholico: assim, pelo menos, aconteceu ao criado grave de certo embaixador, apesar de, até, estar de joelhos no meio da rua, quando passava a procissão: mas, porque pareceu ao povo que elle mostrava mais curiosidade que devoção; e que não gritava: *avia-te, S. Januario,* deram-lhe de punhaladas todos os que poderam chegar-lhe. Depois de perpetrado o assassinio, e feito o milagre, o povo teve pena delle, porque lhe acharam umas contas ao pescoço, o que provava exuberantemente o seu catholicismo. — *Abbé Richard. Description d'Italie.*

#### AVES QUE VOAM DEBAIXO D'AGUA.

No MEIO das ilhas Hebridias, na costa occidental d'Escocia, vê-se a arêa do fundo do mar ainda em grande profundidade, por causa da limpeza constante das aguas, até depois de grandes temporaes. Quem se põe sobre algum cabeço á borda do mar, vê passaros de diversas castas andarem á caça dos peixes, e apanharem-os com inerivel velocidade: fazem debaixo da agua os mesmos movimentos com as azas, que fazem no ar livre; mas ajunctam a isso o nadar com os pés para augmentar a força do mergulho. Este curioso factio de historia natural vem mencionado no Jornal d'Edimburgo.

(2) Pelas Chronicas de Stow se vê que no principio do seculo 15.º os mysterios eram representados em Londres pelos escrivães de parochia, incorporados em sociedade por Henrique 3.º, em 1409.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.